

que exige sejam as publicações culturais especializadas, senão por matérias, pelo menos por áreas. O leitor de hoje certamente estranhará uma revista em que, ao lado de um estudo sobre o gerúndio apareça outro sobre as epidemias do café, ou ao lado de um relato sobre as guerras holandesas apareça outro sobre o clima de Campinas. Mas não nos esqueçamos de que a revista atendeu à necessidade de uma época em que não havia ainda condições para a cultura especializada e, conseqüentemente, os temas especializados não constituíam ainda, sobretudo numa cidade de interior, matéria suficiente para alimentar uma revista. Sua variedade, embora criticável hoje, foi a única segurança de sua subsistência e permanência por tantos anos.

A **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes** marcou época e refletiu um tipo de preocupações intelectuais que talvez não alcançassem em nossa época a mesma receptividade, mas que foi característica de nossa vida e de nossa cultura num certo momento. Ela desapareceu praticamente quando se modificaram as condições culturais de nossa terra, com a preocupação de temas especializados. A revista, não podendo mais ser mista, simplesmente desapareceu. Mas merece ela estudo mais aprofundado que este. O Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo tem promovido o estudo de numerosas revistas culturais do país, revistas que desapareceram após curta carreira, mas marcaram época, especialmente as ligadas à história do modernismo. Alguns desses trabalhos têm servido como teses de mestrado ou doutoramento. Por que não fazer o mesmo com a revista campineira, já que, pela sua própria natureza e diversidade ela se prestaria melhor que qualquer outra ao estudo proposto? Aqui fica a sugestão.

## 6. FONTES CAMPINEIRAS PARA O PAN-AMERICANISMO\*

### I – Introdução

Chamou-nos sempre a atenção as repercussões na política externa brasileira do pan-americanismo a precariedade revisionista, por parte de nossa historiografia, na abordagem desse tema, não só rico em

(\*) Comunicação apresentada por Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci à **VI Semana da História**, Franca, novembro de 1984, e que deverá ser publicada na respectiva **Memória**. A inclusão neste volume, como capítulo final, é feita com a devida vênua do Instituto de História, Direito e Serviço Social de Franca ( da Unesp ), promotora da importante reunião.

documentação, bem assim abrindo-nos inúmeras perspectivas de análise crítica. Eis aí o porquê de ora nos propormos a apresentar esse material, elaborado na cidade de Campinas, notoriamente se levarmos em conta a repercussão que o assunto provocou, não apenas naquela pacata, embora já progressista cidade, como pelo fato de haver inflamado para além dela, outros intelectuais, igualmente preocupados com a problemática pan-americanista. Nada mais oportuno, pois, que os historiadores brasileiros de hoje repensem a questão.

Costuma-se entender por América Latina o conjunto de vinte repúblicas independentes que se formaram numa superfície territorial-geográfica que se estende da fronteira meridional dos Estados Unidos da América até ao Cabo Horn, abraçando o amplo arco das Antilhas, e, que outrora fora posse dos impérios espanhol e português, mais a velha colônia francesa do Haiti.

Os impérios que os espanhóis e portugueses então criaram, foram completamente diferentes entre si, muito embora ambas as nações tenham percorrido o mar em demanda da Índia e do comércio.

Os espanhóis falharam na procura da Índia, mas, em compensação, descobriram "as Índias", e, em substituição ao comércio tiveram a oportunidade de conquistar um imenso território.

Os portugueses, raça de marinheiros, encontraram o caminho para o Oriente e obtiveram o tráfico que almejavam.

Por volta de 1550, quando os portugueses diligenciavam, e, diga-se de passagem, sem grande entusiasmo, avançar para o Sul do continente, haviam os espanhóis completado as suas conquistas, passando então a ser o principal interesse da Coroa, a organização, dos seus domínios na América, que se mantiveram por três séculos, proporcionando os espanhóis, ao seu Império americano, uma paz substancial. Todavia, com o correr dos anos, os protestos contra a política espanhola tornaram-se comuns, e, entre 1808/1810, a situação modificar-se-ia abruptamente, com a eclosão de movimentos revolucionários, iniciando-se as chamadas "guerras de independência", que, pode-se dizer, foram muito mais violentas do que a guerra norte-americana de 1775/82.

Cada uma das insurreições foi espontânea e local, e, muito embora resultantes de circunstâncias semelhantes, não tinham relação entre si.

Por volta do ano de 1825, excetuando-se as ilhas de Cuba e Porto Rico, nada mais restava do vastíssimo império espanhol na América.

Todavia, o processo de emancipação da América Espanhola, juntamente com a obtenção, tipicamente não violenta da Independência brasileira, foi um dos marcantes acontecimentos da história da civilização, já que representou o início de uma nova época (com o desvio da

civilização mediterrânea para a atlântica), bem assim abrindo uma vasta região ao comércio e à imigração, levando à formação de novos estados, que, posteriormente, seriam tomados em consideração pelos homens de estado doutras regiões do universo, sempre na orientação da diplomacia e da estratégia.

Enfatizamos que desde os primeiros momentos da revolução, os patriotas pensavam em desenvolver as suas relações para além da área latino-americana, tanto que um dos primeiros atos das Juntas Revolucionárias foi o de franquear os portos às embarcações de todas as nações. As novas autoridades necessitavam de dinheiro, de mercadorias, de mercados, e, particularmente a Grã-Bretanha estava em condições de abastecê-las, e, aliás, interessadíssima nesta oportunidade.

Já era notória a rivalidade entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos nessa ocasião; cada um deles receava a expansão territorial do outro. De igual modo, do ponto de vista político, Grã-Bretanha e Estados Unidos discordavam, uma vez que a primeira preferia o estabelecimento de monarquias na América Espanhola, como na Europa, enquanto que o segundo, era absolutamente antagônico a propósito tão antiamericano.

Entretanto, em 1823, quando a França invadiu a Espanha para repor Fernando e seu despotismo, voltou-se então a Inglaterra para os Estados Unidos com a proposta de que ambos poderiam juntos anunciar uma política comum latino-americana.

Desta forma, era dada a oportunidade ao Secretário de Estado dos Estados Unidos — John Quincy Adams — para manifestar a supremacia norte-americana, uma vez que Adams sabia não dispor o seu país de recursos para defender os Hispano-Americanos em caso de ataque; por outro lado, também não ignorava que a maior potência naval da época, era contrária a qualquer intervenção européia e que os Estados Unidos em nada, portanto, arriscariam se assumissem de público o papel de árbitros do Novo Mundo. E, em dezembro de 1823, não perdendo a oportunidade apresentada, Monroe lê no Congresso a sua “doutrina”, propondo quatro princípios básicos:

- 1º — Os Estados Unidos não interviriam nos assuntos europeus;
- 2º — Respeitariam as colônias existentes ou dependentes de alguma potência européia;
- 3º — Não admitiriam que as repúblicas reconhecidas fossem consideradas como susceptíveis de colonização por qualquer potência européia;
- 4º — Considerariam qualquer intervenção ( nestas repúblicas ), de um estado da Europa com o objetivo quer de

submetê-la, quer de exercer ação nos seus destinos, como manifestação hostil aos Estados Unidos.

Em verdade, a intenção era instituir um regime americano em oposição ao europeu.

Entretanto, a chamada Doutrina Monroe teve um efeito limitado no curso dos acontecimentos; não passava, realmente, de uma declaração unilateral e, a sugestão freqüente de que era o primeiro passo para o desenvolvimento da colaboração pan-americana na defesa do Hemisfério, seria inexata, já que os latino-americanos dela não participavam.

Enquanto ocorria essa “manobra” entre Grã-Bretanha e Estados Unidos, no intuito de favorecerem seus interesses rivais no Novo Mundo, Simón Bolívar agarrava-se cada vez mais à sua antiga convicção de que as repúblicas americanas (ou pelo menos as hispano-americanas), poderiam reunir-se numa liga de nações. Diferia, portanto, da Doutrina Monroe, já que demonstrava que as idéias de cooperação e conciliação é que deveriam inspirar o movimento pan-americano. A esperança de Bolívar era que o Congresso do Panamá pudesse “atuar como um Conselho na hipótese de conflitos de gravidade, ser uma instituição de recurso em caso de perigo comum, ser fiel intérprete dos tratados, quando surgissem dificuldades, e conciliar, prestamente, todas as controvérsias”<sup>1</sup>.

Tal “sonho” não se tornou realidade, pois, apenas quatro plenipotenciários — os do Peru, Colômbia, México e América Central — fizeram-se presentes ao Congresso, além das próprias repúblicas recearem-se mutuamente, estando divididas por discórdias internas, acrescido do fato de que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos não estavam interessados na criação de um “bloco” latino-americano.

Bolívar compreendeu, por outro lado, que o povo latino-americano não estava preparado para um governo representativo e o “caudilhismo” seria mesmo inevitável.

Ao findar-se o século XIX as principais repúblicas da chamada América Latina, tinham atingido certo grau de estabilidade política, o que não significava que se tivessem libertado, por exemplo, das fraudes eleitorais ou que seu desenvolvimento não fosse ainda interrompido por revoluções. E nada melhor que os “caudilhos” para se adaptarem sempre às novas condições, conseguindo, com isso, prolongar seus mandatos por meios “constitucionais”, alterando a Constituição ao sabor de suas ambições.

(1) Fenwick, Charles G. *The Inter-American Regional Systems*. New York, Mac Mullen, 1949, p: 16.

Devemos ainda levar em conta, que ao findar desse século XIX, os Estados Unidos transformaram-se nos maiores compradores dos produtos brasileiros.

Seria a partir de 1895 que a intervenção norte-americana na América Latina tornar-se-ia cada vez mais forte, com a aplicação da Doutrina Monroe em decorrência da disputa britânica com a Venezuela sobre a fronteira ocidental da Guiana Inglesa. Apela os venezuelanos para a arbitragem norte-americana, ficando decidido, e, para tanto sendo invocada a Doutrina Monroe, que a expansão britânica seria impedida nessa direção.

Deste momento em diante a intervenção dos Estados Unidos na América Latina tornava-se cada vez maior, passando agora a sua atenção a concentrar-se em Cuba, onde o processo independizador fora mais retardado que nas demais colônias hispano-americanas, e, onde, durante o século XIX, a inépcia e corrupção do governo colonial atingira seu ponto culminante.

Os americanos do norte simpatizavam-se com os patriotas cubanos na luta pela sua liberdade, uma vez que imaginavam, estando liberta a Ilha, ficaria sob sua dependência, o que lhes seria altamente vantajoso, quer pelo açúcar, quer pela mão-de-obra negra mais barata, quer ainda por motivos estratégicos.

Nos primórdios do ano de 1898, os Estados Unidos receberam a notícia de que o barco de guerra **Maine** havia sofrido uma explosão no porto de Havana ( desconhecem-se os motivos reais da catástrofe ), e, os clamores de vingança contra os espanhóis era geral. Foi quando o Congresso Norte-Americano votou uma resolução declarando a Independência de Cuba e exigindo a retirada da Espanha da Ilha. De 1898 a 1902, Cuba ficou então sob domínio dos Estados Unidos.

Nesta ordem de idéias e acontecimentos, em 1901 os cubanos foram persuadidos a aceitar os termos de um mandado dos Estados Unidos — o “Platt Amendment” — através do qual, entre outros aspectos, concordaram em ceder bases navais e em reconhecer aos Estados Unidos o direito de intervir na Ilha em caso de ameaças contra vidas, propriedades e liberdade individual, ou mesmo se sua independência fosse ameaçada.

Foram então, a partir deste “Platt Amendment”, aumentados os investimentos norte-americanos pelos políticos e negociantes cubanos, até que grande parte das melhores terras da Ilha passou às mãos de cidadãos norte-americanos, e, desta forma, Cuba acabou sendo dominada pelos interesses dos Estados Unidos, e mais ainda, com esta vitória sobre espanhóis em Cuba, tomaram os norte-americanos consciência de serem uma grande potência mundial.

Os ressentimentos construíram a interferência dos Estados Unidos não evitaram que os latino-americanos, no entanto, se sentissem atraídos pelo seu modo de vida e, desde 1900 que o “antiianquismo” e um sentimento oposto coexistiriam, par a par, em cada uma das repúblicas.

Os ingleses conhecedores de que a competição dos Estados Unidos ameaçava sua própria posição, passaram a apoiar qualquer indício “antiianque”.

Ele será contra esse “ianquismo” e suas repercussões do ponto de vista econômico, social, político e religioso, que algumas “vozes campineiras ou lá residentes” bradariam, tanto pela imprensa, quanto pelas tribunas, por todos os meios de que enfim dispunham, a fim de se posicionarem e aos outros, para que de igual modo tomassem uma atitude em defesa do pan-americanismo. Dentre tais expoentes destacamos: César Bierrenbach, Erasmo Braga e Basílio de Magalhães como os mais significativos e árduos defensores daquele ideal pan-americanista, e, que até hoje estão a merecer acurado estudo, não apenas pela peculiaridade com que abordaram o problema, mas, de igual modo, por constituir-se em preciosa documentação, quicá assaz esclarecedora de toda uma problemática estrutural e conjuntural daquele momento.

## II – Os Campineiros Pan-americanistas: Um pouco de suas Vidas e Obras.

### a) João César Bueno Bierrenbach

Não foi por acaso que o colocamos em primeiro lugar neste modesto trabalho. Da produção pan-americanista campineira a ser revista, afigura-se-nos César Bierrenbach (literariamente é assim conhecido), como o que melhor estudou tal problemática que, a nosso ver, deve ser cuidada por nossa historiografia contemporânea, em seu momento de revisionismo.

Nasceu ele aos 7 de abril de 1872, numa das chácaras do bairro de Santa Cruz, na cidade de Campinas, tendo vida efêmera, pois, veio a falecer com apenas trinta e cinco anos de idade, no dia 2 de julho de 1907.

Estudou humanidades, no tradicional Colégio São Luís de Itu, bem assim no antigo “Culto à Ciência” de Campinas; posteriormente foi para a Faculdade de Direito de São Paulo, aí diplomando-se em 1892.

Desde os tempos de vida acadêmica já se destacava por sua brilhante atuação, principalmente como orador e jornalista, tendo inclusive fundado uma “Revista Acadêmica”, que, como seu criador, teve curta existência.

Ao se bacharelar pela “Faculdade das Arcadas”, realizou proveitosa viagem à Europa, que, além de lhe aumentar a visão

humanística, fê-lo entrar em contato com as idéias mais avançadas do liberalismo e do socialismo europeu, o que lhe foi de alta valia para o labor intelectual.

Nos idos de 1900, foi César Bierrenbach nomeado para o Ginásio de Campinas ( atualmente Escola Estadual de 2º grau "Culto à Ciência" ), para lecionar a Cadeira de História, fazendo de sua cátedra um verdadeiro "centro de pregação cívica", já que seu culto à Pátria era fecundo e arrebatador.

Todavia seu afã intelectual não se limitou à cátedra; criou na cidade de Campinas, juntamente com outros intelectuais lá residentes, uma Instituição Cultural — o Centro de Ciências, Letras e Artes — que em breve, se transformaria numa das mais prestigiosas casas de cultura do país, com renome internacional.

Mais afeito a falar e a ensinar, não cuidou César Bierrenbach de reunir, em livro, tudo o quanto escreveu pelos órgãos de imprensa. Daí toda sua variada obra ter ficado esparsa, e, somente após sua morte, haver sido carinhosamente reunida pelas suas irmãs, que, criteriosamente, selecionaram suas melhores páginas para a formação de dois volumes, sob o título **Produções Litterarias**, editados pela Livraria Universal de Curitiba, em 1937 ( portanto, trinta anos após seu desaparecimento ).

Nestes dois volumes há de tudo: poesias, discursos, crônicas, biografias, páginas de ocasião, crítica literária, pequenos perfis de personalidades em grande evidência na política e nas letras do país, assuntos pan-americanos...

Enfatizamos que seu interesse pelo ideal pan-americano foi o responsável por algumas de suas melhores e mais eloqüentes páginas: ninguém, como ele, teria oferecido à nossa História elementos tão fecundos e vibrantes, por exemplo, como quando escreveu sobre a Questão do Acre e sobre a Independência de Cuba, notando-se que, esta Questão Cubana, inspirou-lhe um de seus mais vigorosos panfletos intitulado **Protesto Latino** ( publicado em 1912 ), sendo, sem sombra de dúvida, uma das mais vibrantes defesas patrióticas e de nacionalismo da época. Tal texto é de grande interesse para a Historiografia Brasileira Contemporânea, pelo fato de haver inflamado a todos quantos se preocupavam com a problemática pan-americanista.

Pensava César Bierrenbach muito além do comum de sua geração: a fim de que a "Fraternidade Sul-Americana" fosse atingida, aspirava a obtenção da União da América Latina, em uma verdadeira "Liga", ou, como ele mesmo a chamava, em uma "amphyctionia".

Em seu artigo "Menos Acre... Defendendo o Tratado de Petrópolis, de 1903", organizou César Bierrenbach uma verdadeira

“legião” de brasileiros — a Legião Bolívar — para defender o Território do Acre, sendo o emblema desta legião um “Condor”, emblema esse que trazia em seu bojo o sentido de não permitir a conquista do continente por estrangeiros. Diria César Bierrenbach: “Os reis do yankismo não vão reinar na América do Sul...”<sup>2</sup> E, mais adiante: “A América do Norte é oficialmente estranha: Washington não entra nessa feira territorial; são apenas bolsistas os que animam tão singular espetáculo e...”

Si existem corvos crocitando ao Norte,  
Ha condores no Sul !”<sup>3</sup>

Ainda em seu violento “Protesto Latino”, comentaria com o arrojo que lhe era peculiar: “Basta de conquistas... A América Latina não é o rebanho imbecil em que, um após outro, qual quadrúpede, siga cada povo, por sua vez, para o cutello do matadouro yankee.

Unam-se, aos operários e estudantes do heróico Chile, os que, em comícios, protestaram já, e a voz da mocidade, do povo e da imprensa, em todo o Continente, mostre-se aos que zombam da nossa indolência e de nossa altivez, respondendo com o início de nossa união.”<sup>4</sup>

César Bierrenbach entendia o pan-americanismo como pensamento ou princípio que preconizasse a solidariedade política e econômica dos países do Novo Mundo, com um único fito: preservar a solidariedade e a integridade continentais contra quaisquer influências de potências de outros continentes. E, para reforçar seu objetivo de atingir uma União Latino-Americana, ainda em seu “Protesto Latino”, evocaria a temática literária, bem como os congressos e confraternizações em geral, para mostrar como tal sentimento manifestava-se nos povos “desde as vagas mexicanas até as regiões de Magalhães...”<sup>5</sup>

Criticaria violentamente, com a fluidez que lhe era peculiar, o sistema criado com a Emenda Platt de conquistar, de forma amena e sem perigos, as regiões latino-americanas, comentando: “A simples existência no Novo Mundo de uma servidão entre Nações, já abolida entre indivíduos desde idades remotas, a simples criação dum feudalismo de Pátrias no século XX, é uma aberração que afronta o Universo.”<sup>6</sup>

Tanto quanto Eduardo Prado em sua **A Ilusão Americana** concordaria, no que tange às ilícitas ocupações das várias áreas latino-americanas e de toda a sorte de humilhações e desatenções com que seus habitantes eram tratados pelos norte-americanos, satirizando a

(2) Bierrenbach, César. **Produções Litterarias**. Curitiba, Livr. Universal, 1937, v. II, p. 227.

(3) Idem, *Ibidem*, p. 241.

(4) Bierrenbach, César. *op. cit.*, p. 291.

(5) Idem, *Ibidem*, p. 295 e seguintes.

(6) Idem, *Ibidem*, p. 302.

problemática ao escrever: “Ingênuos os que sonham que Uncle Sam deixará de absorver algo do Novo Mundo enquanto elle for apunhalando torpemente nossos irmãos...”

Cegos — piores que os da Escripura — aos quaes a Humanidade e os Povos da América Latina confiaram a guarda das mais cobiçadas zonas do globo, não sabereis acaso ouvir ? ”<sup>7</sup>

E nessa “penada” violenta, ao referir-se especificamente à Questão Cubana e sua anexação pelos Estados Unidos, batalhando sempre pela restituição da Ilha aos cubanos e o fim da Emenda Platt, preconizaria a autonomia e a verdadeira organização republicana para toda a América Latina, já que via na Doutrina de Monroe um “enganar da Humanidade”<sup>8</sup>. Alertava então os “filhos do Novo Mundo”, propondo: “O século XIX viu a independência, o século XX precisa assistir à alliança latino-americana, ou como Confederação Latina, ou sob a forma de Amphyctionia.....”

Nossos conflitos de fronteiras nada são ante o máximo perigo commum — o Yankee !”<sup>9</sup>

Por essa rápida visão de alguns de seus valiosos textos, acreditamos haver dado margem para um refletir sobre os mesmos, apercebendo-nos de quão vasta e fecunda para o assunto em questão, eles podem representar, apesar de constatar-mos a confusão feita por César Bierrenbach no que tange a patriotismo-nacionalismo, e, deste com regionalismo. Apesar disto, é, de fato, um caminho aberto, não apenas para a revisão pan-americanista, e bem assim, da própria Ciência Política como tal.

#### b) Basílio de Magalhães

Mineiro de nascimento, natural de São João del Rei, veio ao mundo nos idos de julho de 1874. Muito jovem ainda correu a São Paulo a fim de estudar Direito, o que, em verdade, não aconteceu.

Na cidade de Campinas disputaria, em 1901, a vaga para preenchimento da cátedra de Professor de História no Ginásio do Estado, tendo sido classificado em primeiro lugar, e aí permanecendo até 1912, quando foi declarado em comissão junto à Secretaria do Interior, nela permanecendo até 1921, quando foi posto à disposição do Governo do Estado de Minas Gerais.

Faleceu bem avançado em anos, em 1957, numa cidade mineira — Lambari.

Era homem de profunda cultura, dominava vários idiomas, destacando-se como notável pesquisador de nossa História, ao lado de

(7) Idem, *Ibidem*, p. 313/314.

(8) Bierrenbach, César, *op. cit.*, p. 349.

(9) Idem, *Ibidem*, p. 355.

haver exercido intensa atividade política durante sua vida, chegando a ser Deputado Estadual, Federal e Senador.

Então poderíamos indagar: como o propomos como campineiro? Ocorre que suas melhores páginas sobre o pan-americanismo (e ainda também inexploradas), foram produzidas quando de sua estada na cidade de Campinas, sendo que a repercussão delas, na época, fora enorme; daí o considerarmos; um dos da terra, principalmente pelo teor do trabalho aqui realizado, que não se limitou apenas à cátedra do afamado Colégio, mas também, estendeu-se à política e ao jornalismo, estando o ilustre Mestre, pois, inteiramente integrado à vida sócio-cultural campineira.

Convém enfatizarmos que Basílio de Magalhães não foi apenas um historiador como muitos de sua geração, mas, principalmente, um homem que possuía uma ampla "visão de mundo" tendo demonstrado ao longo de sua vasta produção, a importância e o significado de não desvincular-se nunca a História do Brasil da Americana, e bem assim, das implicações com o mundo em sua totalidade.

Daí a importância e atualidade de sua obra, e, em especial a Conferência que tomamos por base para a presente análise, publicada primeiramente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1937, e, posteriormente, enfeixada no livro **Estudos de História do Brasil**, publicado em São Paulo, pela Editora Nacional (Coleção Brasileira, v. 171), 1940, revelando muito bem a compreensão do problema pan-americano, numa linha acreditamos, muito parecida com a de Oliveira Lima.

Procura nesse trabalho, produzido quando de seus anos campineiros, demonstrar que a criação de um dia para comemorar o "Dia Pan-americano", seria "a realização coronal dos alcondorados propósitos e benfazejas aspirações, que, em meados do século XVIII e no primeiro quartel do século XIX, anunciaram e documentaram, **ad perpetuam rei memoriam**, os espíritos imortais de Alexandre de Gusmão, Simón Bolívar e James Monroe."<sup>10</sup>

Diria-nos ainda que o "pan-americanismo, esboçado desde a aurora do século XIX até ao arraial do século XX, ou seja, até a Doutrina Drago, era essencialmente político e defensivo, em manifesto contraste com o da atualidade, que é de feição inteiramente pacífica."<sup>11</sup>

Procurava, portanto, demonstrar que a convergência de esforços, a comunhão dos ideais dos povos americanos, a fim de obterem o progresso e a paz deveriam ser, de fato, o destino de todos os povos no

(10) Magalhães, Basílio. **Estudos de História do Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1940, p. 267 (Brasília, v. 171).

(11) Magalhães, Basílio, op. cit., p. 274.

Novo Mundo. E, para tanto, via que o Brasil era uma nação privilegiada nessa defesa e no segurar dessa “bandeira”, uma vez que, desde os primórdios de sua existência, pelo menos três vultos destacaram-se na conquista desse ideal: Alexandre de Gusmão ( que, no século XVIII fora o verdadeiro idealizador do pan-americanismo ), José Bonifácio de Andrada e Silva ( no século XIX ) e Rui Barbosa ( em nosso século ). Todos, num sentido nitidamente americano, insinuaram-se na política internacional, visando o respeito aos interesses comuns, a paz e a política da boa vizinhança. E, seria basicamente neste sentido, a proximidade de Basílio de Magalhães com os propósitos de Oliveira Lima em seu valioso trabalho — **Pan-Americanismo** —<sup>12</sup>, justamente quando apregoavam uma nova orientação à política externa brasileira, a qual deveria basear-se na maior aproximação das repúblicas latino-americanas, na manutenção das tradicionais relações com o mundo europeu e não na busca desenfreada de relações privilegiadas com os Estados Unidos. Ambos, de igual modo, chamariam a atenção para as reais dimensões da Doutrina Monroe, a fim de que se pudesse evitar qualquer “investida” imperialista por parte dos norte-americanos.

E, a conferência que ora sugerimos, constitui-se pois, em uma das fontes a serem exploradas deste discípulo de Comte no Brasil, para melhor análise e compreensão da participação brasileira a favor da paz e do progresso coletivo continental.

### c) Erasmo Braga

Erasmo Braga, tal como Basílio de Magalhães, também não era campineiro de nascimento. Era de Rio Claro, onde nasceu aos 13 de abril de 1877, vindo a falecer em Niterói, a 12 de maio de 1932.

Todavia, viveu por muitos anos em Campinas como pastor presbiteriano, professor do Seminário Presbiteriano e do Ginásio do Estado, além de colaborador da Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes daquela cidade.

Foi um grande líder religioso, figura marcante da educação brasileira, humanista notório, estando, por toda sua vida preocupado com os problemas do desenvolvimento econômico e da regeneração sócio-político-cultural brasileiras.

Como líder religioso, lutou por certo sentido nacionalista do protestantismo brasileiro, com receio de que ele se descaracterizasse sob influência da cultura norte-americana, pois, dos Estados Unidos vinham as missões que trouxeram o protestantismo para o Brasil. Seu receio talvez

(12) Sobre o assunto consultar: Lima, Manuel de Oliveira, **Pan-Americanismo ( Monroe, Bolívar, Roosevelt )**, Brasília, Senado Federal; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980 ( Coleção Bernardo Pereira de Vasconcelos, 25 ).

não tivesse muito fundamento, mas, era explicável à luz da conjuntura da época. E, a realização do Congresso Evangélico no Panamá, em 1916, teve a participação de Erasmo Braga, enviado que fora como representante do Brasil, dando-lhe oportunidade de sentir o problema sob diversos ângulos, especialmente o da cooperação (sem domínio) entre as diversas nações americanas.

O ambiente do Congresso não o estimulou muito, e, até certo ponto, fê-lo modificar sua idéia de cooperação interamericana. Mas, abriu-lhe perspectivas novas para uma compreensão pioneira do ecumenismo, numa época em que este problema sequer era mencionado. Eis por que seu grande biógrafo — Júlio Andrade Ferreira — o ter chamado de o “Profeta da Unidade”<sup>13</sup>.

Sobremaneira o que nos chamou a atenção em um de seus muitos trabalhos — **Pan-Americanismo: Aspecto Religioso** (1916) — e, ainda a ser explorado por nossos historiadores, foi como o aspecto religioso, que era o objetivo primordial deste seu livro, acabou implicando aspecto também político.

Ao iniciar o trabalho, faz uma sinópsese histórica das diferenças que separam os elementos anglo-americanos dos latino-americanos, demonstrando como são acentuadas as diferenças das concepções religiosas entre eles, enfatizando a importância de entendermos a massa social, o valor de suas tendências intelectuais, os fatores étnicos, a reação dos intelectuais frente aos problemas políticos, econômicos, sociais e culturais, o espírito popular, enfim, a “composição das populações que representam o espírito saxônio e o latino na América, a sua evolução política e social, em que a religião é fator muito importante, e o ambiente entram em contribuição para contrastar os dois tipos em que se divide a humanidade em nosso continente”<sup>14</sup>.

Analisa o caudilhismo e os conflitos decorrentes dos ideais democráticos na América Independente e a problemática do analfabetismo como uma das causas do atraso para a própria vivência democrática, ao lado do temor imperialista, por parte dos latino-americanos, contra os norte-americanos. E, “a despeito do cepticismo e da irreligiosidade que predominam no meio intelectual latino-americano, é com insistência que, no estudo de nossas relações internacionais, em meio de todas as complicações já alludidas, fazem freqüentes referências à “unidade de raça e língua, de direito e de moral, de família e de fé, de systema político e

(13) Ferreira, Júlio Andrade ( Rev. ). *Profeta da Unidade*. Petrópolis, Vozes; Rio de Janeiro, Tempo e Presença, 1975.

(14) Braga, Erasmo. *Pan-Americanismo: Aspecto Religioso. O Relatório e Interpretação do Congresso de Acção Christã na America Latina, Reunido no Panamá de 10 a 19 de fevereiro de 1916*. Campinas, s/d, 1916, p. 8/9.

ideal necessário”, entre os ibero-americanos e europeus, como vínculo tradicional”<sup>15</sup>.

Acreditava que **A Ilusão Americana** de Eduardo Prado<sup>16</sup>, era um dos veículos responsáveis pela aversão, em especial dos brasileiros, contra o Monroísmo como política continental, demonstrando o conhecimento imperfeito e unilateral que tinham da proposta, ao lado da atuação negativa da Igreja Romana, que parecia desconhecer todos os objetivos e trabalho das Associações Cristãs de Moços na América Latina. Daí sua proposta de um reestudo dos movimentos da Reforma e da Contra-Reforma, independentemente de “credos” ou concepções político-econômicas, a fim de que a cooperação ampla e irrestrita, pelo próprio espírito de liberdade e democracia que era característico em solo americano, se tornasse uma realidade.

E, por todo seu trabalho, dividido em três “Secções”, a saber:

“Secção Primeira – Antecedentes do Congresso de Acção Christã na America Latina;

Secção Segunda – O Congresso de Acção Christã na América Latina;

Secção Terceira – Interpretação e Crítica do Congresso”,

teremos a oportunidade de uma ampla análise, uma vez que Erasmo Braga, além da descrição do Congresso, fez a análise dos acontecimentos lá decorridos e de seus resultados imediatos e remotos, o que certamente será de valia para o atual estágio de nossa Historiografia.

### III – Conclusão

Nesta problemática pan-americanista brasileira torna-se, pois, mister uma perfeita compreensão da conotação “monroísmo x pan-americanismo”, a fim de que muitos dos aspectos, não só políticos, e bem assim econômico-sociais não sejam vistos apenas com otimismo, mas, discernindo-se o que é estrutural do que é conjuntural, no verdadeiro comprometimento da História com a Ciência. E, as “Fontes Campineiras” ora apresentadas, parecem-nos ser, pelo fato de ainda inexploradas, de grande significação, muito embora caiba ao historiador descontar-lhes os excessos e as versões tendentes que, por vezes aparecem, a evidenciar, obviamente, a autenticidade da causa que defendiam.

\*  
\* \* \*

(15) Braga, Erasmo, Op. cit., p. 13.

(16) Braga, Erasmo, Op. cit., p. 18/19.